

A lição que vem da Pólonia

Anjos, polícias, artistas

■ HELENA RODRIGUES

Do meu voo avistam-se nuvens misturadas com anjos, anjinhos. Vejo-os irrequietos, brancos e lourinhos, tal e qual como os conheci numa oração de infância: «Anjinho da guarda/ minha companhia/ Guardai a minha alma/ De noite e de dia». Curiosamente, uma oração com musicalidade semelhante à de outra, recordada por Eugénio de Andrade num dos seus livros: «Senhora Sant'Ana/ Tapai-me cum véu/ Que sou pequenino/ Levai-me pró céu». Os trilhares sonoros de ambas as orações cruzam-se algures no pêndulo interior que regula a torrente emocional por onde fluem as palavras do meu regresso a Portugal.

Acabo de realizar um sonho de infância: andar de avião, abrir a janela, tocar as nuvens, parti-las aos pedaços como quem reparte o algodão doce, afagar os anjos. O voo que faço é Varsóvia-Lisboa e, excepcionalmente, mesmo muito excepcionalmente, o piloto dá autorização para abrir a janela e agarrar o céu. Os anjos saltam de nuvem em nuvem e seguem-me sorridentes como se fossem golfinhos. Invisíveis e discretos divertem-se a desviar o destino deste e de outros vãos, à imagem e semelhança do Anjo Bom.

O Anjo Bom é Grzegorz e Michał e Anna e vários outros polícias polacos, todos afinados num coro de querubins, seriamos empenhados num programa de prevenção através do teatro e das artes. Conheci-os depois de uma estranha e luminosa coincidência que, com o simpático e eficaz apoio do Instituto Camões, me levou a Mienem, na Polónia, em Julho, para apresentar Bebé-Babá, um projecto de música para famílias com bebés da Companhia de Música Teatral que em 2008 o Serviço Educativo da Casa da Música do Porto realizou no Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo.

Mienem é um sítio verdejante, como é, aliás, toda a Polónia que conheço. Este encontro, que af teve lugar e que linearmente traduzirei por «Teatro Profilático», foi modelar e inspirador. Um murro no estômago, também.

Antes de mais, porque o simples facto de um corpo de polícia liderar uma experiência artística, dirigida a crianças e jovens, é absolutamente único. Depois, porque o trabalho artístico de Grzegorz, polícia, encenador e actor, é, por si só, belo e bom. E depois, muito importante, é comovente ver como uma liderança se propaga em cascata até às bases,



Programa nacional de prevenção - Polícia e Teatro, Mienem 2009

com uma força só possível quando acima do líder existem ideais nobres, um sentido de missão, que congrega todo um grupo em torno do que de melhor existe no ser humano.

Este grupo de polícias sabe que a arte se semeia nos jovens e isso constitui um investimento socialmente mais eficaz (e mais barato, argumenta-se, para os que só entendem a linguagem económica) do que mil e uma medidas *remediamas*.

Mais interessante ainda: em Mienem a prevenção não se faz apenas para os denominados grupos de risco. Isso seria demasiado tarde e aqui o lema poderia ser «prevenir antes de prevenir». A prevenção é inclusiva, não estigmatizante. De resto, em risco vivemos todos, no abismo de podermos não encontrar sentido existencial que nos sustenha. Prevenção através das artes? Creio que este grupo da polícia polaca vai muito além disto: necessitamos de nos expressar artisticamente para realizar a plenitude que somos. E isso é algo que deve estar ao alcance de todos.

Ou seja, a prevenção faz-se antes de haver comportamentos de risco, reforçando e consolidando os comportamentos saudáveis de quem está bem. Precisamos de crianças, jovens, famílias, grupos sociais numa corrente de «estado de graça», a fazer alastrar as suas «bolsas de bem-estar», a sua luz, a outros mais desprotegidos. A existência de modelos de excelência é fundamental na prevenção primária

de uma sociedade que vela pela sua saúde e bem-estar.

A verdadeira prevenção é também a que aposta na qualidade das relações humanas e af as linguagens artísticas são mediadores comunicacionais insubstituíveis. A vivência da Arte tem o condão de nos poder pôr em relação connosco próprios e com os outros de uma forma absolutamente única. Que sejam polícias a lembrar-nos isto é significativo: eles sabem, por experiência, que muitos dos comportamentos desviantes ocorrem quando há ausência de relações humanas estruturadas, lacunas afectivas que desorientam a ligação com a realidade.

Numa espécie de lapso do destino, as lições de vida podem vir de quem menos se espera. Neste caso, a lição veio de um polícia, na Polónia. Ou terá sido o encontro de Mienem uma *performance* de artistas - genuína e verdadeiramente interessados pelo trabalho com as comunidades - cujo figurinista tem um fetiche por fardas? Será que tudo não passou de uma encenação tão convincente quanto a do estranho piloto que autoriza os passageiros a pendurarem-se nas nuvens? Ou terá Saint-Exupéry aterrado um dia naquele prado verdejante e lá deixado florir entes mágicos que agora representam o real, como se tudo fosse obra da nossa imaginação?

Enfim, todos - artistas, polícias, professores, psicólogos, sociólogos, terapeutas, cidadãos - temos algo a aprender com esta polícia da Polónia. Ao longo do voo Varsóvia-Lisboa, os anjos sussurravam, diabólicos: se é possível na polícia também há-de ser possível nas escolas e na Universidade. Quem me liberta dos anjos?

**A autora é profª na Universidade Nova de Lisboa - no Laboratório de Música e Comunicação na Infância (CESEM - FCSH - UNL)*

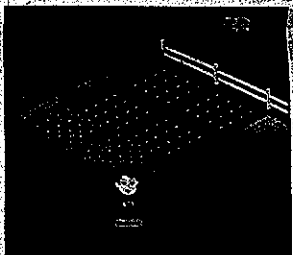
A agricultura é um jogo



Tenho uma plantação de batatas e tomates. Cuido da vinha e apanho os morangos. Num canto, plantei uma macieira que dá fruto de três em três dias. Tudo agricultura biológica. Na altura certa, levo

os meus viveres ao mercado e vendo pelo melhor preço. Também posso ir à taberna falar das coisas da vida. E, quando juntar uns dinheiros, compro para lá umas ovelhas e talvez um cão, só para dar graça, ou para guardar os outros animais. No outro dia, visitei os vizinhos. Devo estar numa zona muito especial, pois a minha quinta fica ao lado das do Lauro António e Fernando Júdice. Claro que eles são mais ricos e têm quintas mais completas. Estavam por fora (provavelmente de férias). Por uma questão de cortesia, deixei um recado a apresentá-los: «Se precisar de um pouco de azeite para fritar as batatas ou temperar a salada pode bater aqui ao lado». Isto apesar de eu, em abono da verdade, não ter nenhuma oliveira. Ao Fernando Júdice até reguei as plantas que estavam quase a murchar.

Tudo isto sem sair daqui, da minha secretaria, entre cliques e enters. Farm Town é como se chama o mais famoso jogo do



Facebook. O objectivo é cuidar de uma quinta. Vai-se subindo de nível e ganhando pontos à medida que a quinta vai crescendo. Claro que quem já passou pelo Second Life percebe que este jogo é uma brincadeira de crianças. Mas não deixa de ser extremamente irónico brincar ao campo no computador. Porque, desconfio, tal como acontece a mim, o campo para a maioria dos utilizadores do Facebook é algo que aparece nos filmes e na televisão, sobre o qual temos uma ideia idílica. É um mistério profundo como é que as sementes que se plantam na terra chegam mais tarde, feitas legumes, à mesa de nossa casa. A agricultura tornou-se um jogo de computador. E esta coisa de brincar aos agricultores parece bastante divertida.

Claro que o objectivo do Facebook é manter as pessoas on-line o máximo tempo possível. Farm Town é uma engenhosa alternativa aos milhares de quizzes que chovem na chamada rede social. Tal como os tamagoshi, estas quintas obrigam a cuidados diários, por vezes horários. Só assim se pode recolher o que se semeou. Para a semana vou plantar umas cebolas. E quando tudo estiver demasiado cheio, penso um apoio à União Europeia para comprar uma quinta maior.

MANUEL HALPERN

homemdoleme@netcabo.pt



A lição que vem da Pólonia

Anjos, polícias, artistas

■ HELENA RODRIGUES

Do meu vôo avistam-se nuvens misturadas com anjos, anjinhos. Vejo-os inquietos, brancos e lourinhos, tal e qual como os conheci numa oração de infância: «Anjinho da guarda/ minha companhia/ Guardai a minha alma/ De noite e de dia». Curiosamente, uma oração com musicalidade semelhante à de outra, recordada por Eugénio de Andrade num dos seus livros: «Senhora Sant'Ana/ Tapai-me com véu/ Que sou pequenino/ Levai-me pro céu». Os trilhos sonoros de ambas as orações cruzam-se algures no pêndulo interior que regula a torrente emocional por onde fluem as palavras do meu regresso a Portugal.

Acabo de realizar um sonho de infância: andar de avião, abrir a janela, tocar as nuvens, partilas aos pedaços como quem reparte o algodão doce, afagar os anjos. O vôo que faço é Varsóvia-Lisboa e, excepcionalmente, mesmo muito excepcionalmente, o piloto dá autorização para abrir a janela e agarrar o céu. Os anjos saltitam de nuvem em nuvem e seguem-me sorridentes como se fossem golfinhos. Invisíveis e discretos divertem-se a desviar o destino deste e de outros vôos, à imagem e semelhança do Anjo Bom.

O Anjo Bom é Gregorz e Michal e Anna e vários outros polícias polacos, todos afinados num coro de querubins, seriamente empenhados num programa de prevenção através do teatro e das artes. Conheci-os depois de uma estranha e luminosa coincidência que, com o simpático e eficaz apoio do Instituto Camões, me levou a Mietnem, na Polónia, em Julho, para apresentar Bebé-Babá, um projecto de música para famílias com bebés da Companhia de Música Teatral que em 2008 o Serviço Educativo da Casa da Música do Porto realizou no Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo.

Mietnem é um sítio verdejante, como é, aliás, toda a Polónia que conheço. Este encontro, que aí teve lugar e que linearmente traduzirei por «Teatro Profilático», foi modelar e inspirador. Um muro no estômago, também.

Antes de mais, porque o simples facto de um corpo de polícia liderar uma experiência artística, dirigida a crianças e jovens, é absolutamente único. Depois, porque o trabalho artístico de Gregorz, polícia, encenador e actor, é, por si só, belo e bom. E depois, muito importante, é comovente ver como uma liderança se propaga em cascata até às bases,



Programa nacional de prevenção - Polícia e Teatro, Mietnem 2009

com uma força só possível quando acima do líder existem ideais nobres, um sentido de missão, que congrega todo um grupo em torno do que de melhor existe no ser humano.

Este grupo de polícias sabe que a arte se semeia nos jovens e isso constitui um investimento socialmente mais eficaz (e mais barato, argumente-se, para os que só entendem a linguagem económica) do que mil e uma medidas *remediativas*.

Mais interessante ainda: em Mietnem a prevenção não se faz apenas para os denominados grupos de risco. Isso seria demasiado tarde e aqui o lema poderia ser «prevenir antes de prevenir». A prevenção é inclusiva, não estigmatizante. De resto, em risco vivemos todos, no abismo de podermos não encontrar sentido existencial que nos sustenha. Prevenção através das artes? Creio que este grupo da polícia polaca vai muito além disto: necessitamos de nos expressar artisticamente para realizar a plenitude que somos. E isso é algo que deve estar ao alcance de todos.

Ou seja, a prevenção faz-se antes de haver comportamentos de risco, reforçando e consolidando os comportamentos saudáveis de quem está bem. Precisamos de crianças, jovens, famílias, grupos sociais numa corrente de «estado de graça», a fazer alastrar as suas «bolsas de bem-estar», a sua luz, a outros mais desprotegidos. A existência de modelos de excelência é fundamental na prevenção primária

de uma sociedade que vela pela sua saúde e bem-estar.

A verdadeira prevenção é também a que aposta na qualidade das relações humanas e aí as linguagens artísticas são mediadores comunicacionais insubstituíveis. A vivência da Arte tem o condão de nos poder pôr em relação connosco próprios e com os outros de uma forma absolutamente única. Que sejam polícias a lembrar-nos isto é significativo: eles sabem, por experiência, que muitos dos comportamentos desviantes ocorrem quando há ausência de relações humanas estruturadas, lacunas afectivas que desorientam a ligação com a realidade.

Numa espécie de lapso do destino, as lições de vida podem vir de quem menos se espera. Neste caso, a lição veio de um polícia, na Polónia. Ou terá sido o encontro de Mietnem uma *performance* de artistas - genuína e verdadeiramente interessados pelo trabalho com as comunidades - cujo figurinista tem um fetiche por fardas? Será que tudo não passou de uma encenação tão convincente quanto a do estranho piloto que autoriza os passageiros a pendurarem-se nas nuvens? Ou terá Saint-Exupéry aterrado um dia naquele prado verdejante e lá deixado florir entes mágicos que agora representam o real, como se tudo fosse obra da nossa imaginação?

Enfim, todos - artistas, polícias, professores, psicólogos, sociólogos, terapeutas, cidadãos - temos algo a aprender com esta polícia da Polónia. Ao longo do vôo Varsóvia-Lisboa, os anjos sussurravam, diabólicos: se é possível na polícia também há de ser possível nas escolas e na Universidade. Quem me liberta dos anjos?

**A autora é profª na Universidade Nova de Lisboa - no Laboratório de Música e Comunicação na Infância (CESEM - FCSH- UNL)*

A agricultura é um jogo

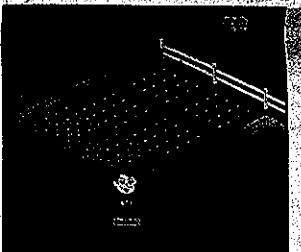


o homem do leme

Tenho uma plantação de batatas e tomates. Cuido da vinha e apinho os morangos. Num canto, plantei uma macieira que dá fruto de três em três dias. Tudo agricultura biológica. Na altura certa, levo

os meus víveres ao mercado e vendo pelo melhor peço. Também posso ir à taberna falar das coisas da vida. E, quando juntar uns dinheiros, compro para lá umas ovelhas e talvez um cão, só para dar graça, ou para guardar os outros animais. No outro dia, visitei os vizinhos. Devo estar numa zona muito especial, pois a minha quinta fica ao lado das do Lauro António e Fernando Júdice. Claro que eles são mais ricos e têm quintas mais completas. Estavam por fora (provavelmente de férias). Por uma questão de cortesia, deixei um recado a apresentá-los: «Se precisar de um pouco de azeite para fritar as batatas ou temperar a salada pode bater aqui ao lado». Isto apesar de eu, em abono da verdade, não ter nenhuma oliveira. Ao Fernando Júdice até reguei as plantas que estavam quase a murchar.

Tudo isto sem sair daqui, da minha secretária, entre cliques e enters. Farm Town é como se chama o mais famoso jogo do



Facebook. O objectivo é cuidar de uma quinta. Vai-se subindo de nível e ganhando pontos à medida que a quinta vai crescendo. Claro que quem já passou pelo Second Life percebe que este jogo é uma brincadeira de crianças. Mas não deixa de ser extremamente irónico brincar ao campo no computador. Porque, desconfio, tal como acontece a mim, o campo para a maioria dos utilizadores do Facebook é algo que aparece nos filmes e na televisão, sobre o qual temos uma ideia idílica. É um mistério profundo como é que as sementes que se plantam na terra chegam mais tarde, feitas legumes, à mesa de nossa casa. A agricultura tornou-se um jogo de computador. E esta coisa de brincar aos agricultores parece bastante divertida.

Claro que o objectivo do Facebook é manter as pessoas on-line o máximo tempo possível. Farm Town é uma engenhosa alternativa aos milhares de quizzes que chovem na chamada rede social. Tal como os tamagoshi, estas quintas obrigam a cuidados diários, por vezes horários. Só assim se pode recolher o que se semeou. Para a semana vou plantar umas cebolas. E quando tudo estiver demasiado cheio, penso um apoio à União Europeia para comprar uma quinta maior.

MANUEL HALPERN

homemdoleme@netcabo.pt

